

## Veneno no lar

*Dedetização irregular faz vítimas no Rio e SP*

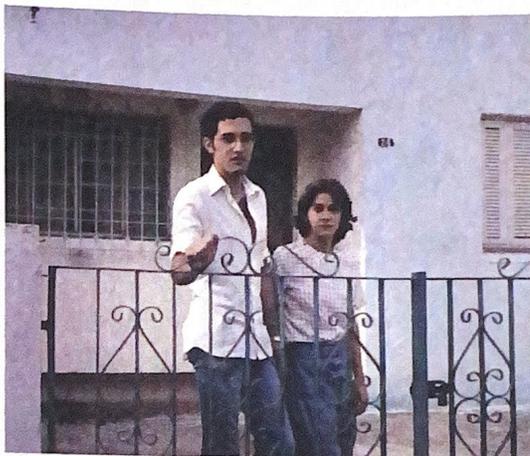
**D**e depois de duas semanas de afastamento compulsório, os 500 funcionários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, voltam ao trabalho nesta segunda-feira ainda incertos quanto ao ar que vão respirar. O prédio de cinco andares onde funciona o órgão, no Rio de Janeiro, esteve interditado pela Secretaria de Saúde por contaminação ambiental: um pesticida agrícola de alta toxicidade, o Parathion, foi indevidamente usado na dedetização pela empresa Sideral - Serviços Gerais de Limpeza e Conservação. "Só não houve casos graves porque, aos primeiros

bidos. É o caso da Desinsetizadora Técnica, de Porto Alegre, a mais antiga empresa do ramo no Rio Grande do Sul, que trabalha com produtos organoclorados, os mais perigosos do mercado. "Nossos funcionários mesmos misturam o inseticida aos solventes", admite Eunice Kober, 48 anos, há 26 atuando na pequena firma que herdou do marido. Quem prepara as drogas é Adão de Oliveira, 49 anos, um aplicador sem qualificação.

Em Guarulhos, na Grande São Paulo, o casal Antônio Carlos e Margareth Militio e sua filha Débora, de 8 meses, não podem entrar em casa desde o dia 6 de fevereiro passado. Depois de uma dedetização feita pela empresa D.D. Formosa e apesar de esperar mais de quinze dias para abrir a casa, eles tiveram de se refugiar na casa da mãe de Margareth. Todos apresentavam



AUGUSTO GERICHMANN



LUIGI MAMPRIM

**Oliveira: mistura proibida**

**O casal Militio: fora de casa há 50 dias**

sinais de intoxicação, os funcionários abandonaram o prédio", observa o médico Cláudio do Amaral, 50 anos, do departamento de epidemiologia da Secretaria de Saúde. O Parathion atua sobre o sistema nervoso, altera as batidas cardíacas e poderia ter provocado mortes.

"O caso do IBGE é grave mas não o único", garante o toxicologista Flávio Zamboni, do Centro de Controle de Intoxicações de Campinas, em São Paulo. Zamboni coordenou uma pesquisa junto a nove empresas dedetizadoras de Campinas no ano passado e verificou várias irregularidades. É comum a dedetização com produtos proibidos para ambientes fechados, como o Parathion, Dieldrin e outros pesticidas de uso exclusivamente agrícola. As estatísticas reforçam a pesquisa: só em 1984 foram registrados 87 casos de intoxicação no Paraná, 99 na Bahia e 35 na região de Campinas. Algumas empresas nem chegam a esconder que trabalham com produtos proi-

bitos de intoxicação: vômitos, tonturas e irritação na garganta. Antônio Carlos foi hospitalizado com problemas pulmonares e acabou sendo operado. "Tudo o que queremos é voltar para casa", garante.

Talvez isso leve mais tempo do que Militio imagina. Os testes preliminares constataram a presença de Aldrin na casa — um defensivo organoclorado, muito persistente. "No solo, com a ajuda do sol e da chuva, o Aldrin leva de um a seis anos para se degradar", diz o toxicologista Reinaldo Skalsiz, da Secretaria de Agricultura do Paraná. "Em ambientes fechados, a persistência do produto é ainda maior." O médico Zamboni recomenda para quem quiser se livrar de tais transtornos: que os consumidores exijam o nome do inseticida que a dedetizadora vai usar e telefonem para o centro de controle de intoxicações da cidade onde moram — e na ausência dele para as autoridades de saúde pública — para saber se o produto é permitido. ●